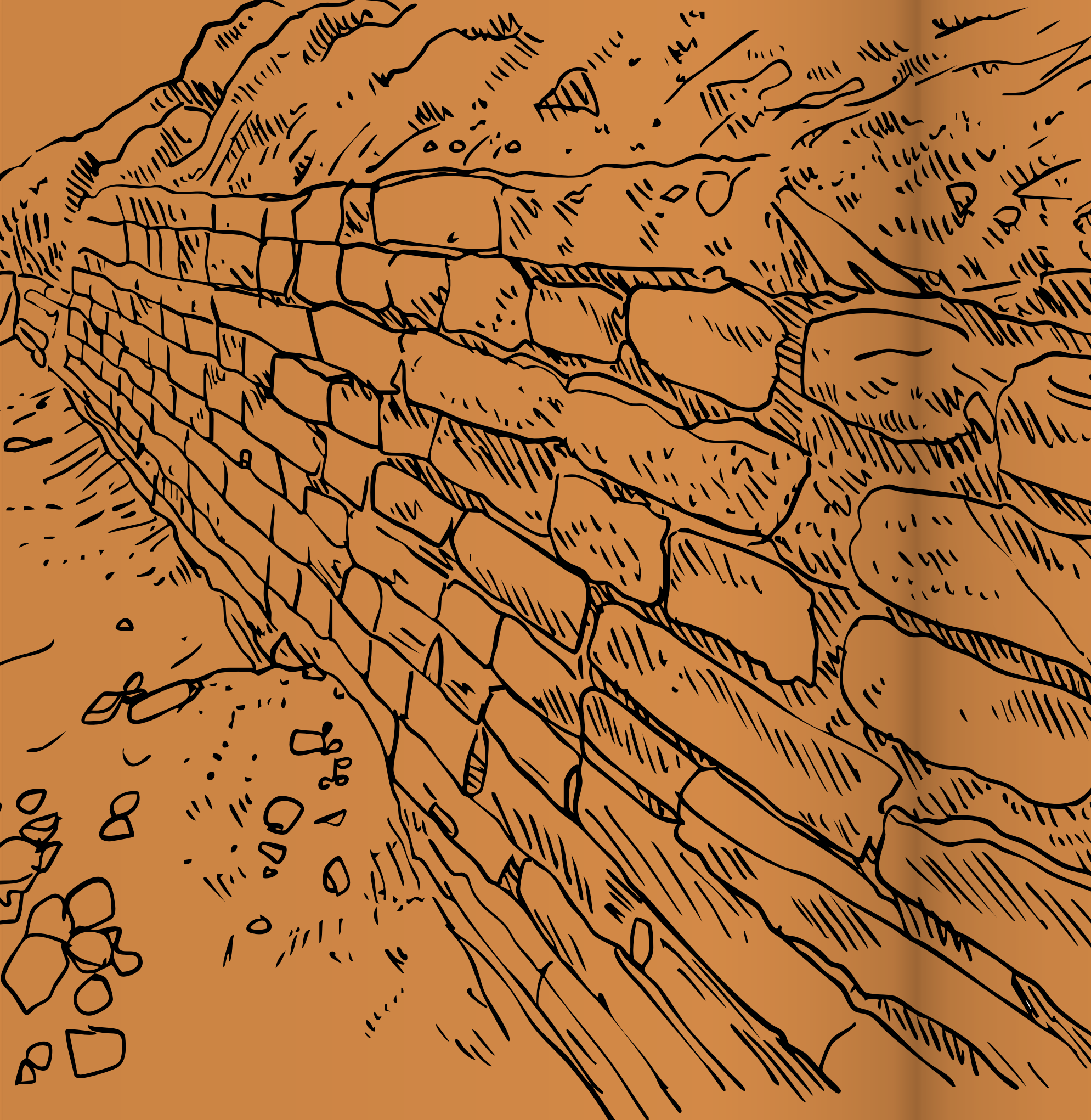
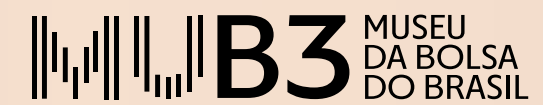


SOB OS PÉS DA CIDADE



**MINISTÉRIO DA CULTURA
E B3 APRESENTAM**



MUB3 – MUSEU DA BOLSA DO BRASIL

Junho — Setembro 2025

Este catálogo integra o registro institucional da exposição Sob os pés da cidade, realizada pelo MUB3, reunindo conteúdos curatoriais, dados de impacto e documentação expográfica.



Fotografia de Ana Rovati.
São Paulo, 2025.

O PASSADO AINDA VIVE SOB NOSSOS PÉS

Eixos

O percurso expositivo da mostra Sob os pés da cidade foi organizado em três módulos complementares, concebidos para apresentar ao público diferentes perspectivas sobre o Centro Histórico de São Paulo, o patrimônio cultural e a arqueologia urbana.

Diretrizes curatoriais e comunicacionais

- Acessibilidade e linguagem clara, visando ampliar o acesso aos conteúdos para diferentes perfis de público.
- Interatividade como estratégia central, favorecendo o engajamento e a experiência dos visitantes.
- Participação como ferramenta de aprendizagem, valorizando a experimentação e a construção de conhecimento por meio da vivência.

INFORMAÇÕES GERAIS

Data
09/06 a 13/09 de 2025

Horário
Segunda a sábado, das 9h às 17h

Local
Prédio das Moedas
R. João Brícola, 59

Duração da visita
Livre (experiência de dia inteiro)

Inscrições
Não necessárias

Fotografia de Natália Tonda.
São Paulo, 2025.

MUB3 apresentam

O Centro Histórico de São Paulo é um verdadeiro testemunho vivo de transformações ao longo dos anos. A urbanização trouxe mudanças impressionantes à paisagem, mas também ocultou histórias valiosas das populações e culturas que aqui viveram.

A arqueologia urbana permite desvendar as histórias esquecidas e os vestígios de ocupações passadas, revelando a coexistência entre o crescimento urbano e a modernização das cidades. A exposição temporária do MUB3 – Museu da Bolsa do Brasil, Sob os pés da cidade, convida você a refletir sobre o passado e o presente, explorando as muitas camadas que moldaram o centro da cidade de São Paulo como a conhecemos hoje.

Seja bem-vindo(a) e prepare-se para uma viagem fascinante pelo tempo e pelo espaço, onde cada rua e cada edifício guardam segredos do passado. Aproveite essa experiência única de conhecer a São Paulo que está escondida sob os nossos pés!

SOB OS PÉS DA CIDADE

SOB OS PÉS DA CIDADE

O Centro Histórico de São Paulo é um verdadeiro testemunho vivo de transformações ao longo dos anos. A urbanização trouxe mudanças impressionantes à paisagem, mas também ocultou histórias valiosas das populações e culturas que aqui viveram.

A arqueologia urbana permite desvendar as histórias esquecidas e os vestígios de ocupações passadas, revelando a coexistência entre o crescimento urbano e a modernização das cidades. A exposição temporária do MUB3 – Museu da Bolsa do Brasil, Sob os pés da cidade, convida você a refletir sobre o passado e o presente, explorando as muitas camadas que moldaram o centro da cidade de São Paulo como o conhecemos hoje.

Seja bem-vindo(a) e prepare-se para uma viagem fascinante pelo tempo e pelo espaço, onde cada rua e cada edifício guardam segredos do passado. Aproveite essa experiência única de conhecer a São Paulo que está escondida sob os nossos pés!

ANIZAÇÃO

ORIENTAÇÃO

O SOLAR DA MARQUESA DE SANTOS

O Solar da Marquesa de Santos foi um dos primeiros edifícios de São Paulo a ser construído em alvenaria de tijolo, entre os anos de 1804 e 1807. A obra foi projetada por um arquiteto francês, o Sr. de Lamoignon, e construída por um mestre português, o Sr. João de Deus. O edifício foi projetado para ser um modelo de urbanização, com um pátio central e um jardim em frente.

Após o fechamento da Marquesa, o solar passou a ser usado como residência particular. Em 1907, o edifício foi restaurado e transformado em um museu. Hoje, o Solar da Marquesa de Santos é um dos principais pontos turísticos de São Paulo.

Em 1907, o solar foi restaurado pelo Professor de São Paulo. Restituído por sua importância como monumento histórico, foi transformado em 1971 e, no dia 10 de 1980, passou a ser considerado um importante sítio arqueológico da cidade de São Paulo. Hoje, ele continua a ser um símbolo de nossa herança cultural e arquitetônica do centro histórico.

Agora que você conhece um pouco dessa história, observe o mapa no site e procure identificar o triângulo histórico que mudou os primeiros passos da cidade.



O que os mapas mostram para nós mudou sobre a cidade e de quem passou por esta história?

MÓDULO CHÃO



SÍTIO ARQUEOLÓGICO

Sítios arqueológicos são lugares em que encontramos vestígios, objetos e construções que mostram como as pessoas viviam no passado. Ao explorar esses achados, conseguimos obter informações importantes sobre as relações entre as pessoas e a forma como interagiam com o ambiente ao seu redor.



OCORRÊNCIA ARQUEOLÓGICA

Ocorrências arqueológicas são vestígios de atividade humana que podem ser encontrados sozinhos ou em pequenos grupos. Essas ocorrências, embora não constituam um sítio arqueológico, são importantes para a ciência, pois contribuem para a compreensão de diferentes aspectos da história e das culturas do passado.



O TRIÂNGULO HISTÓRICO E A FUNDAÇÃO DA CIDADE

O Triângulo Histórico de São Paulo é um emblemático ponto de convergência entre três importantes construções do período colonial: o Mosteiro de São Bento, o Convento de São Francisco e o Convento do Carmo, do qual a estrutura inicial foi demolida, restando apenas sua imponente igreja. Antes mesmo de essas construções moldarem o traçado urbano, a paisagem já era destacada pelos rios Anhangabaú e Tamanduateí, cursos d'água fundamentais na dinâmica do território.

Além de seu valor histórico, o triângulo abriga o Marco Zero da fundação da cidade, símbolo das transformações urbanas e sociais que São Paulo vivenciou ao longo dos séculos. Localizado às margens do Tamanduateí, esse ponto de partida facilitou a criação de rotas comerciais e impulsionou o crescimento da cidade rumo à metrópole que conhecemos hoje.

Agora que você conhece um pouco dessa história, observe o mapa no chão e procure identificar o Triângulo Histórico que moldou os primeiros passos da cidade.



TOTEM 01

QUADRADO 01

FACE 1

O Triângulo Histórico de São Paulo é um emblemático ponto de convergência entre três importantes construções do período colonial: o Mosteiro de São Bento, o Convento de São Francisco e o Convento do Carmo, do qual a estrutura inicial foi demolida, restando apenas sua imponente igreja. Antes mesmo de essas construções moldarem o traçado urbano, a paisagem já era destacada pelos rios Anhangabaú e Tamanduateí, cursos d'água fundamentais na dinâmica do território.

Além de seu valor histórico, o triângulo abriga o Marco Zero da fundação da cidade, símbolo das transformações urbanas e sociais que São Paulo vivenciou ao longo dos séculos. Localizado às margens do Tamanduateí, esse ponto de partida facilitou a criação de rotas comerciais e impulsionou o crescimento da cidade rumo à metrópole que conhecemos hoje.

FACE 2

Agora que você conhece um pouco dessa história, observe o mapa no chão e procure identificar o Triângulo Histórico que moldou os primeiros passos da cidade.

FACE 3

No coração desse triângulo encontra-se o Pateo do Collegio, sítio que revelou uma incrível variedade de artefatos arqueológicos que mostram como os povos indígenas conviviam, muitas vezes de forma tensa, com os colonizadores. Durante as escavações, foram descobertos diversos objetos, como uma parede de taipa que ainda está de pé e uma ponta de projétil do período pré-colonial. Esses achados nos permitem imaginar a vida dessas comunidades e refletir sobre suas práticas e tradições.

FACE 4

Imagem: Detalhe da parede de taipa remanescente da construção original do Pateo do Collegio. Foto: Museu da bolsa do Brasil.

PATEO DO COLLEGIO

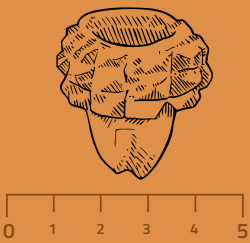
No coração desse triângulo encontra-se o Pateo do Collegio, sítio que revelou uma incrível variedade de artefatos arqueológicos que mostram como os povos indígenas conviviam, muitas vezes de forma tensa, com os colonizadores. Durante as escavações, foram descobertos diversos objetos, como uma parede de taipa que ainda está de pé e uma ponta de projétil do período pré-colonial. Esses achados nos permitem imaginar a vida dessas comunidades e refletir sobre suas práticas e tradições.



Detalhe da parede de taipa remanescente da construção original do Pateo do Collegio. Foto: Museu da bolsa do Brasil.

SÍTIO TRAVESSA DA SÉ

O sítio Travessa da Sé, localizado entre as ruas Venceslau Brás e Roberto Simonsen, foi identificado em 2019 e registra achados que remontam aos séculos XVII – como um cachimbo cerâmico –, moedas do século XVIII e até achados do século XX.



Representação gráfica do cachimbo cerâmico encontrado no sítio arqueológico Travessa da Sé.

FACE 01

FACE 02

SÍTIO PIRATININGA

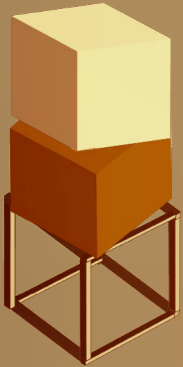
O sítio arqueológico Piratininga, identificado em 2023, está localizado na Rua Senador Paulo Egídio, nas proximidades da Rua José Bonifácio. O local registra a estrutura de edificações com características do início do século XX. Além disso, também foram encontrados fragmentos de cerâmicas do período colonial e louças em faiança fina.



Representação gráfica de fragmento de prato em faiança fina de aproximadamente 3 cm, encontrado no sítio arqueológico Piratininga.

FACE 03

FACE 04



TOTEM 01

QUADRADO 02

FACE 5

O sítio Travessa da Sé, localizado entre as ruas Venceslau Brás e Roberto Simonsen, foi identificado em 2019 e registra achados que remontam aos séculos XVII – como um cachimbo cerâmico –, moedas do século XVIII e até achados do século XX.

FACE 6

Representação gráfica do cachimbo cerâmico encontrado no sítio arqueológico Travessa da Sé.

FACE 7

O sítio arqueológico Piratininga, identificado em 2023, está localizado na Rua Senador Paulo Egídio, nas proximidades da Rua José Bonifácio. O local registra a estrutura de edificações com características do início do século XX. Além disso, também foram encontrados fragmentos de cerâmicas do período colonial e louças em faiança fina.

FACE 4

Representação gráfica de fragmento de prato em faiança fina, como os encontrados no sítio arqueológico Piratininga.

O SOLAR DA MARQUESA DE SANTOS

O Solar da Marquesa de Santos foi onde residiu Domitila de Castro Canto e Melo, entre os anos de 1834 e 1867. A data exata de sua construção, porém, ainda é desconhecida. Documentos do século XVIII mencionam outras casas na Rua do Carmo, atual Rua Roberto Simonsen, onde está situado o solar.

Após o falecimento da marquesa, o solar passou a abrigar a The São Paulo Gaz Company. A empresa promoveu várias alterações na estrutura original do prédio, adicionando novas alas e modificando as paredes de taipa e pau a pique. Essas mudanças introduziram novos estilos arquitetônicos, transformando a aparência original do edifício.

Em 1967, o solar foi incorporado pela Prefeitura de São Paulo. Reconhecido por sua importância como monumento histórico, foi tombado em 1971 e, na década de 1980, passou a ser considerado um importante sítio arqueológico da cidade de São Paulo. Hoje, ele continua a ser um símbolo da rica herança cultural e arquitetônica do centro histórico.



Fachada do Solar da Marquesa de Santos.
Foto: Museu da bolsa do Brasil.

FACE 01

FACE 02



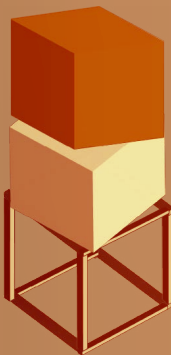
Representação gráfica de cabeça e corpo de bibelôs em porcelana, de aproximadamente 4 cm, encontrados no sítio arqueológico Solar da Marquesa.

FACE 03

FACE 04

CASA N° 1

Originalmente construída em taipa de pilão, no século XVII, a Casa N° 1 leva esse nome por ser considerada uma das primeiras casas da região central da cidade, instalada na antiga Rua do Carmo, ao lado do Solar da Marquesa de Santos. O atual sobrado de três andares, erguido no século XIX sobre as bases originais de taipa, é um dos poucos edifícios oitocentistas remanescentes na cidade de São Paulo. Também conhecida como Casa da Imagem, integra o conjunto de 13 edifícios que compõem o Museu da Cidade de São Paulo, sendo tombada como patrimônio cultural.



TOTEM 02

QUADRADO 01

FACE 1

O Solar da Marquesa de Santos foi onde residiu Domitila de Castro Canto e Melo, entre os anos de 1834 e 1867. A data exata de sua construção, porém, ainda é desconhecida. Documentos do século XVIII mencionam outras casas na Rua do Carmo, atual Rua Roberto Simonsen, onde está situado o solar.

Após o falecimento da marquesa, o solar passou a abrigar a The São Paulo Gaz Company. A empresa promoveu várias alterações na estrutura original do prédio, adicionando novas alas e modificando as paredes de taipa e pau a pique. Essas mudanças introduziram novos estilos arquitetônicos, transformando a aparência original do edifício.

Em 1967, o solar foi incorporado pela Prefeitura de São Paulo. Reconhecido por sua importância histórica, foi tombado como monumento histórico em 1971 e, na década de 1980, passou a ser considerado um importante sítio arqueológico da cidade de São Paulo. Hoje, ele continua a ser um símbolo da rica herança cultural e arquitetônica do centro histórico.

FACE 2

Imagem da fachada do Solar da Marquesa de Santos. Foto: Museu da bolsa do Brasil.

FACE 3

Representação gráfica de cabeça e corpo em porcelana de bibelôs encontrados no sítio arqueológico Solar da Marquesa.

FACE 4

Originalmente construída em taipa de pilão, no século XVII, a Casa N° 1 leva esse nome por ser considerada uma das primeiras casas da região central da cidade, instalada na antiga Rua do Carmo, ao lado do Solar da Marquesa de Santos. O atual sobrado de três andares, erguido no século XIX sobre as bases originais de taipa, é um dos poucos edifícios oitocentistas remanescentes na cidade de São Paulo. Também conhecida como Casa da Imagem, integra o conjunto de 13 edifícios que compõem o Museu da Cidade de São Paulo, sendo tombada como patrimônio cultural.



Representação gráfica de cachimbo cerâmico de aproximadamente 3 cm encontrado no sítio arqueológico Casa N°1.

FACE 01

BECO DO PINTO

O Beco do Pinto é um local de passagem entre o Solar da Marquesa de Santos e a Casa N°1. No período colonial, o beco ligava a várzea do Rio Tamanduateí ao Largo da Sé, permitindo o trânsito de pessoas e animais. Em 1979, por meio de convênio firmado entre o Museu Paulista e a Prefeitura de São Paulo, foram coletados vestígios arqueológicos que remontam às calçadas do século XVIII, além de fragmentos de louças, vidros, ossos e cerâmicas.

FACE 02

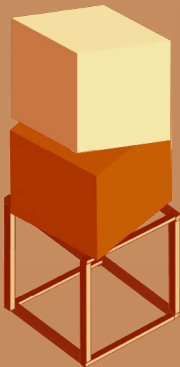


Entrada do Beco do Pinto.
Foto: Museu da bolsa do Brasil.

FACE 03

O que os objetos deixados para trás revelam sobre o cotidiano de quem passou por este território?

FACE 04



TOTEM 02

QUADRADO 02

FACE 1

Representação gráfica de cachimbo cerâmico encontrado no sítio arqueológico Casa No 1

FACE 2

O Beco do Pinto é um local de passagem entre o Solar da Marquesa de Santos e a Casa N° 1. No período colonial, o beco ligava a várzea do Rio Tamanduateí ao Largo da Sé, permitindo o trânsito de pessoas e animais. Em 1979, por meio de convênio firmado entre o Museu Paulista e a Prefeitura de São Paulo, foram coletados vestígios arqueológicos que remontam às calçadas do século XVIII, além de fragmentos de louças, vidros, ossos e cerâmicas.

FACE 3

Imagem da entrada do Beco do Pinto. Foto: Museu da bolsa do Brasil.

FACE 4

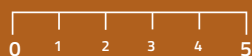
O que os objetos deixados para trás revelam sobre o cotidiano de quem passou por este território?

PIRATININGA 2

Em 2023, durante as obras de revitalização das calçadas do centro histórico de São Paulo, foi identificado o sítio arqueológico Piratininga 2. Localizado entre as ruas Barão de Paranapiacaba e Benjamin Constant, o sítio guarda vestígios que nos conectam diretamente com a história urbana da cidade.

O principal achado remonta ao final do século XVIII: os remanescentes de um tanque de água construído para abastecer o Chafariz da Misericórdia, que ficava na Rua Quintino Bocaiúva (antiga Rua da Cruz Preta). Esse chafariz foi projetado por Joaquim Pinto de Oliveira, conhecido como “Tebas”, arquiteto negro que deixou marcas importantes na paisagem paulistana colonial.

Além da estrutura hidráulica, também foram identificados restos de antigas moradias que existiram até o início da década de 1950, antes das obras de alargamento das ruas, bem como uma variedade de objetos do cotidiano, como fragmentos de louças em faiança portuguesa do século XVII, pedaços de vidro, metal, cerâmica e até um cachimbo.



Representação gráfica de cachimbo cerâmico encontrado no sítio arqueológico Piratininga 2.

FACE 01



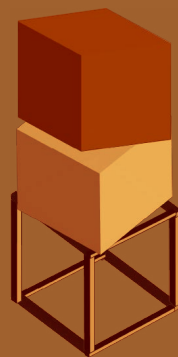
Igreja e Largo da Misericórdia, onde se encontra o Chafariz da Misericórdia, projetado pelo arquiteto Tebas. Foto: Militão Augusto de Azevedo, 1870. Acervo do Museu da Cidade de São Paulo.

FACE 03

FACE 02

Joaquim Pinto de Oliveira, conhecido como “Tebas”, foi um construtor que chegou a São Paulo escravizado, no século XVIII. Alforriado aos 58 anos, deixou uma marca significativa na cidade, participando de importantes restaurações, como a do Mosteiro de São Bento e da antiga Catedral da Sé, transformando a paisagem urbana, até então limitada por construções de barro. Seu trabalho foi valorizado por ordens religiosas, o que o tornou um arquiteto requisitado em conventos como os do Carmo e de São Francisco.

FACE 04



TOTEM 03

QUADRADO 01

FACE 1

Em 2023, durante as obras de revitalização das calçadas do centro histórico de São Paulo, foi identificado o sítio arqueológico Piratininga 2. Localizado entre as ruas Barão de Paranapiacaba e Benjamin Constant, o sítio guarda vestígios que nos conectam diretamente com a história urbana da cidade.

O principal achado remonta ao final do século XVIII: os remanescentes de um tanque de água construído para abastecer o Chafariz da Misericórdia, que ficava na Rua Quintino Bocaiúva (antiga Rua da Cruz Preta). Esse chafariz foi projetado por Joaquim Pinto de Oliveira, conhecido como “Tebas”, arquiteto negro que deixou marcas importantes na paisagem paulistana colonial.

Além da estrutura hidráulica, também foram identificados restos de antigas moradias que existiram até o início da década de 1950, antes das obras de alargamento das ruas, bem como uma variedade de objetos do cotidiano, como fragmentos de louças em faiança portuguesa do século XVII, pedaços de vidro, metal, cerâmica e até um cachimbo. Com as sucessivas intervenções no calçamento da área, o potencial para novas descobertas permanece. Que outras histórias ainda estão escondidas sob os nossos pés?

FACE 2

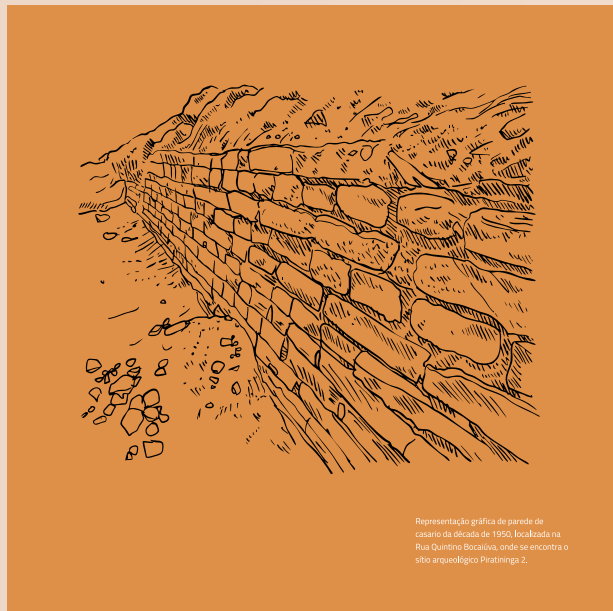
Representação gráfica de cachimbo cerâmico encontrado no sítio arqueológico Piratininga 2.

FACE 3

Imagem da Igreja e Largo da Misericórdia, onde se encontra o Chafariz da Misericórdia, projetado pelo arquiteto Tebas. Foto: Militão Augusto de Azevedo, 1870. Acervo do Museu da Cidade de São Paulo.

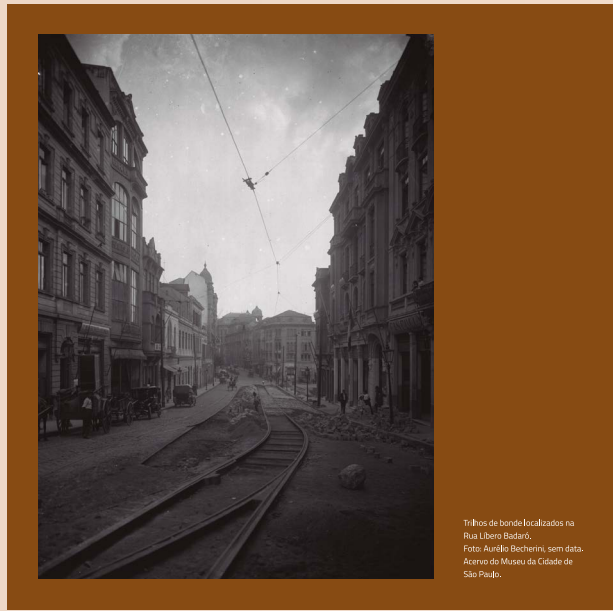
FACE 4

Joaquim Pinto de Oliveira, conhecido como “Tebas”, foi um construtor que chegou a São Paulo escravizado, no século XVIII. Alforriado aos 58 anos, deixou uma marca significativa na cidade, participando de importantes restaurações, como a do Mosteiro de São Bento e da antiga Catedral da Sé, transformando a paisagem urbana, até então limitada por construções de barro. Seu trabalho foi valorizado por ordens religiosas, o que o tornou um arquiteto requisitado em conventos como os do Carmo e de São Francisco.



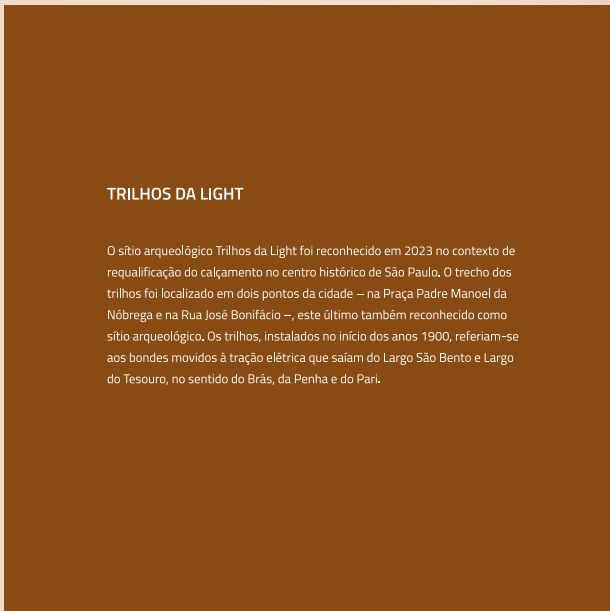
Representação gráfica de parede de casario da década de 1950, localizada na Rua Quintino Bocaiúva, onde se encontra o sítio arqueológico Piratininga 2.

FACE 01



Trilhos de bonde localizados na Rua Líbero Badaró. Foto: Aurélio Becherini, sem data. Acervo do Museu da Cidade de São Paulo.

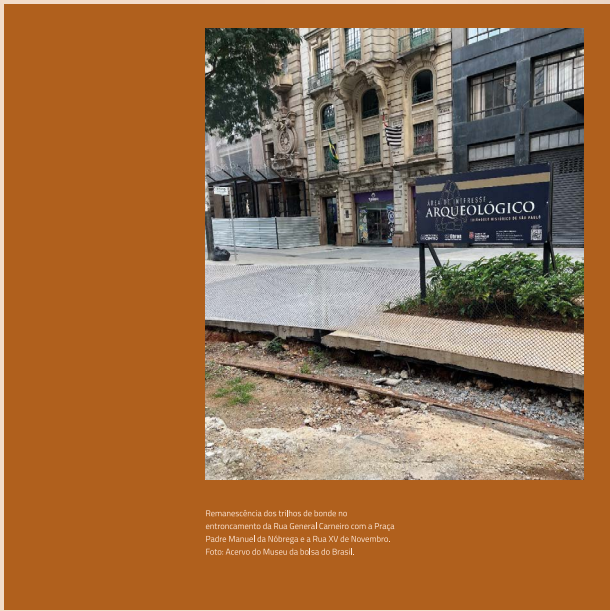
FACE 03



TRILHOS DA LIGHT

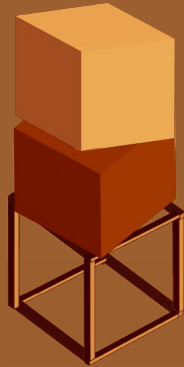
O sítio arqueológico Trilhos da Light foi reconhecido em 2023 no contexto de requalificação do calçamento no centro histórico de São Paulo. O trecho dos trilhos foi localizado em dois pontos da cidade – na Praça Padre Manoel da Nóbrega e na Rua José Bonifácio –, este último também reconhecido como sítio arqueológico. Os trilhos, instalados no início dos anos 1900, referiam-se aos bondes movidos à tração elétrica que saíam do Largo São Bento e Largo do Tesouro, no sentido do Brás, da Penha e do Pari.

FACE 02



Remanescente dos trilhos de bonde no entroncamento da Rua General Carneiro com a Praça Padre Manuel da Nóbrega e a Rua XV de Novembro. Foto: Acervo do Museu da bolsa do Brasil.

FACE 04



TOTEM 03

QUADRADO 02

FACE 1

Representação gráfica de parede de casario da década de 1950, localizada na Rua Quintino Bocaiúva, onde se encontra o sítio arqueológico Piratininga 2.

FACE 2

O sítio arqueológico Trilhos da Light foi reconhecido em 2023 no contexto de requalificação do calçamento no centro histórico de São Paulo. O trecho dos trilhos foi localizado em dois pontos da cidade – na Praça Padre Manoel da Nóbrega e na Rua José Bonifácio –, este último também reconhecido como sítio arqueológico. Os trilhos, instalados no início dos anos 1900, referiam-se aos bondes movidos à tração elétrica que saíam do Largo São Bento e Largo do Tesouro, no sentido do Brás, da Penha e do Pari.

FACE 3

Imagem dos trilhos de bonde localizados na Rua Líbero Badaró. Foto: Aurélio Becherini, sem data. Acervo do Museu da Cidade de São Paulo.

FACE 4

Imagem remanescente dos trilhos de bonde no entroncamento da Rua General Carneiro com a Praça Padre Manuel da Nóbrega e a Rua XV de Novembro. Foto: Acervo do Museu da bolsa do Brasil.

Fotografia de Natália Tonda.

São Paulo, 2025.



Representação gráfica de cachimbo
cerâmico encontrado no sítio arqueológico
Piratininga 2.



Igreja e Largo da Misericórdia, onde se encontra o
Chafariz da Misericórdia, projetado pelo arquiteto
Tebas. Foto: Militão Augusto de Azevedo, 1870.
Acervo do Museu da Cidade de São Paulo.

URBANIZAÇÃO

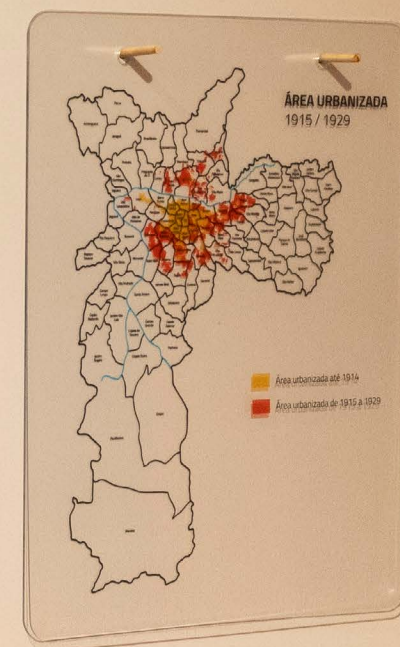
O DESENVOLVIMENTO DA CIDADE

Até meados do século XIX, São Paulo ainda era uma pequena vila colonial, limitada entre os rios Anhangabaú e Tamanduateí. Com cerca de 4.200 casas, a cidade era marcada por construções de taipa, algumas igrejas e prédios públicos. Sua economia girava em torno do comércio, especialmente nas ruas da Quitanda e das Casinhas (atual Rua do Tesouro).

A produção local era modesta, voltada para o consumo interno, com oficinas e ateliês dedicados a fiação, carpintaria, olarias e sapatarias. Em 1828, porém, a instalação da Faculdade de Direito no Largo São Francisco mudou esse cenário. A chegada de estudantes de diferentes regiões do país impulsionou o surgimento de uma nova elite intelectual e cultural, criando um ambiente urbano mais dinâmico.

A partir de 1870, com o crescimento das lavouras de café e a expansão das ferrovias, São Paulo entrou em um processo acelerado de urbanização. A cidade ganhou novos contornos: surgiram bancos, companhias de seguro, fábricas, bairros operários, como Bom Retiro e Brás, e bairros residenciais, como Campos Elíseos. O planejamento urbano começou a tomar forma, com melhorias em infraestrutura, saneamento e transporte.

No início do século XX, São Paulo começou a se transformar na metrópole que conhecemos hoje. A modernização foi acompanhada pelo apagamento da herança colonial, com a cidade adotando ideais de progresso e inovação como diretrizes para seu crescimento.



Fotografia de Natália Tonda.
São Paulo, 2025.

MÓDULO URBANIZAÇÃO

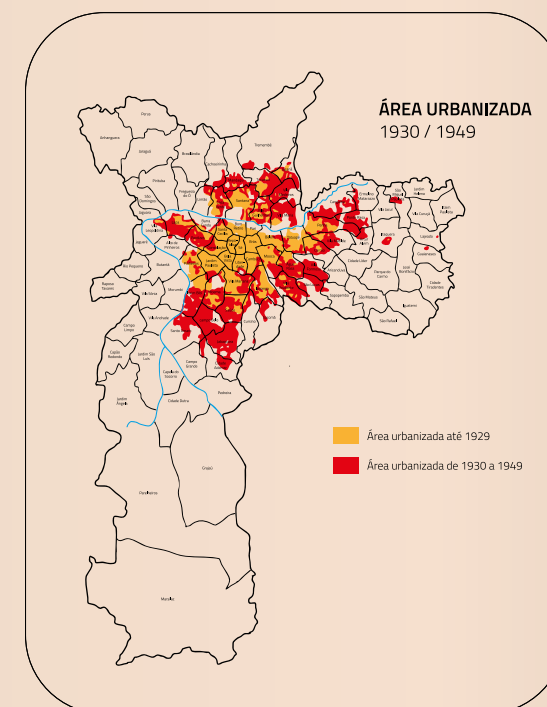
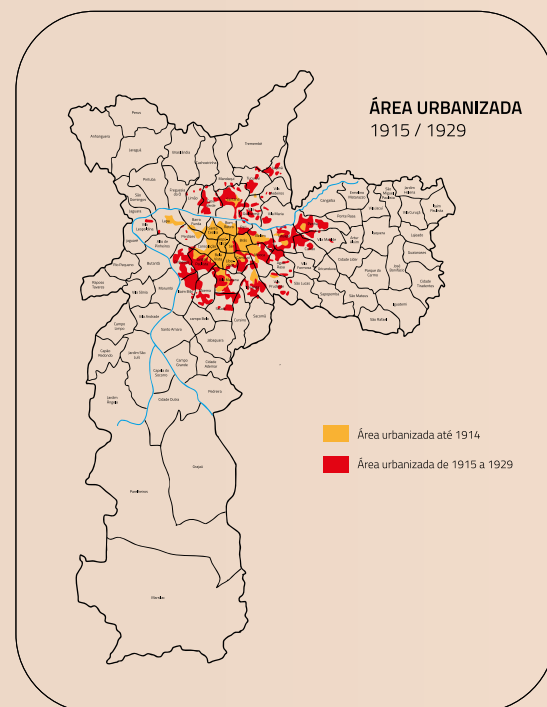
O DESENVOLVIMENTO DA CIDADE

Até meados do século XIX, São Paulo ainda era uma pequena vila colonial, limitada entre os rios Anhangabaú e Tamanduateí. Com cerca de 4.200 casas, a cidade era marcada por construções de taipa, algumas igrejas e prédios públicos. Sua economia girava em torno do comércio, especialmente nas ruas da Quitanda e das Casinhas (atual Rua do Tesouro).

A produção local era modesta, voltada para o consumo interno, com oficinas e ateliês dedicados a fiação, carpintaria, olarias e sapatarias. Em 1828, porém, a instalação da Faculdade de Direito no Largo São Francisco mudou esse cenário. A chegada de estudantes de diferentes regiões do país impulsionou o surgimento de uma nova elite intelectual e cultural, criando um ambiente urbano mais dinâmico.

A partir de 1870, com o crescimento das lavouras de café e a expansão das ferrovias, São Paulo entrou em um processo acelerado de urbanização. A cidade ganhou novos contornos: surgiram bancos, companhias de seguro, fábricas, bairros operários, como Bom Retiro e Brás, e bairros residenciais, como Campos Elíseos. O planejamento urbano começou a tomar forma com melhorias em infraestrutura, saneamento e transporte.

No início do século XX, São Paulo começou a se transformar na metrópole que conhecemos hoje. A modernização foi acompanhada pelo apagamento da herança colonial, com a cidade adotando ideais de progresso e inovação como diretrizes para seu crescimento.



Fotografia de Natália Tonda.
São Paulo, 2025.

A BOLSA NO TERRITÓRIO

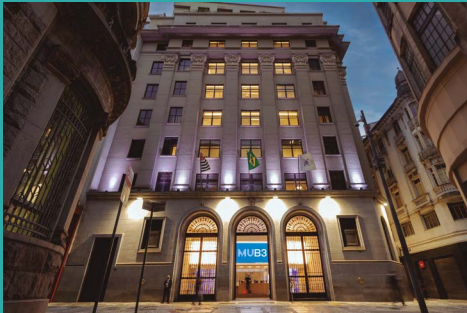
A história da B3, a bolsa do Brasil, está profundamente ligada ao centro de São Paulo, onde se mantém presente desde suas origens. Sua trajetória institucional é resultado da fusão de diversas bolsas brasileiras, que remontam à criação da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, em 1850, e da Bolsa de Fundos Públicos de São Paulo, em 1895, precursora da Bovespa.

Sua permanência no Triângulo Histórico está atrelada à ocupação de prédios emblemáticos, como o Palácio do Café e o edifício Gastão Vidigal, que abrigaram a bolsa até os anos 1990, e os edifícios da Rua XV de Novembro, Praça Antônio Prado e Rua João Brícola, utilizados pela B3 até hoje. No início do século XX, a região da Rua XV de Novembro era o principal polo financeiro da cidade, antes do deslocamento para a Avenida Paulista e, mais recentemente, para a Avenida Brigadeiro Faria Lima.

Os prédios ocupados pela bolsa têm suas fachadas tombadas por órgãos de preservação do patrimônio da cidade e do estado; no entanto, passaram por adaptações internas, que possibilitaram novos usos. A preservação desses prédios reforça o compromisso com a memória da cidade e demonstra que inovação e história podem caminhar juntas.



Fachada do antigo Palácio do Café, prédio que abrigou a Bolsa de Fundos Públicos de São Paulo de 1930 a 1972, situado na Rua Pateo do Collegio, nº 73. Foto: Acervo do Museu da bolsa do Brasil.



Fachada do prédio que sediou a Bovespa a partir de 1992 e hoje abriga a B3, localizado na rua XV de Novembro, nº 275. Foto: Cauê Diniz, 2023. Acervo do Museu da bolsa do Brasil.



Fachada do prédio da bolsa, localizado na Praça Antônio Prado, que sediou a Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F) desde sua fundação, em 1986, e atualmente abriga a B3. Foto: Acervo do Museu da bolsa do Brasil.



Fotografia de Natália Tonda.
São Paulo, 2025.

A INDUSTRIALIZAÇÃO E SEUS DESAFIOS

O processo de industrialização atraiu muitas pessoas em busca de trabalho, resultando em um crescimento populacional acelerado e na expansão da cidade para além do Triângulo Histórico.

A Zona Oeste, uma das mais afetadas nesse processo, recebeu fábricas como a Santa Marina, de vidro, instalada na Água Branca em 1896, e a Santa Catharina, de louças, na Lapa, em 1913. Ambas viraram alvo de pesquisas arqueológicas: a primeira, em 2021, com as obras da Linha 6 – Laranja, do Metrô, dando origem ao sítio Santa Marina I; e a segunda, em 2003, durante a construção de prédios residenciais. Seu sítio foi cadastrado como “Petybon”. Nesses locais foram encontrados objetos como pedaços de vidro, louças, cerâmicas, mobiliário de forno, entre outros.

Além deles, outros sete sítios arqueológicos da região revelaram materiais descartados dessas fábricas, e a grande área ocupada pelos resíduos fabris leva-nos a refletir sobre os problemas ambientais que o processo de industrialização fez emergir, trazendo novos desafios à administração pública, como o desmatamento, a poluição dos rios e o aumento da produção de lixo.

Legenda do acervo (caixa acoplada): Caneca e tigela em faiança fina. Objetos arqueológicos remanescentes da fábrica de louças Santa Catharina. Material didático do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (MAE/USP).

O LIXO E O COTIDIANO

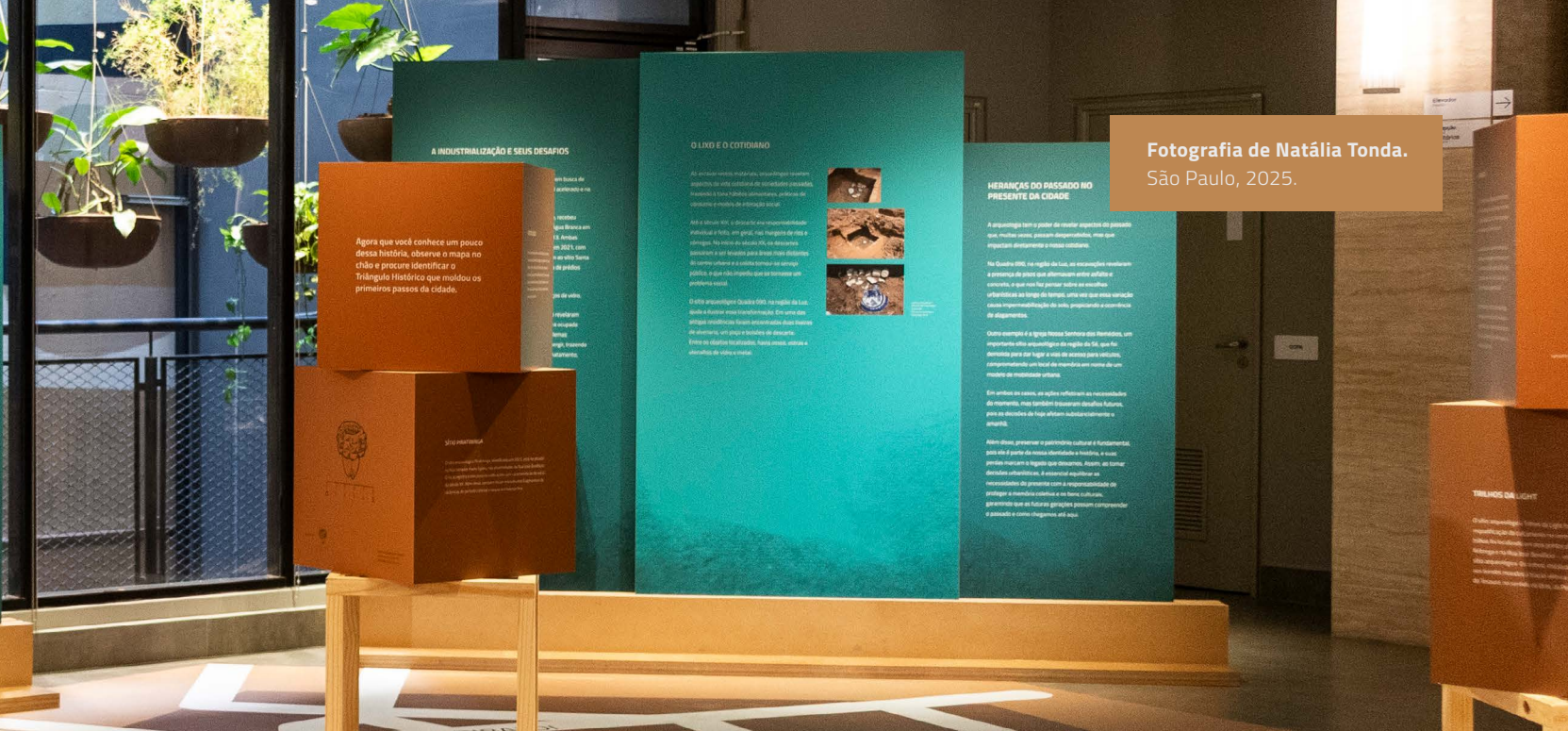
Ao escavar restos materiais, arqueólogos revelam aspectos da vida cotidiana de sociedades passadas, trazendo à tona hábitos alimentares, práticas de consumo e modos de interação social.

Até o século XIX, o descarte era responsabilidade individual e feito, em geral, nas margens de rios e córregos. No início do século XX, os descartes passaram a ser levados para áreas mais distantes do centro urbano e a coleta tornou-se serviço público, o que não impediu que se tornasse um problema social.

O sítio arqueológico Quadra 090, na região da Luz, ajuda a ilustrar essa transformação. Em uma das antigas residências foram encontradas duas lixeiras de alvenaria, um poço e bolsões de descarte. Entre os objetos localizados, havia ossos, ostras e utensílios de vidro e metal.



Lixeiras construídas em alvenaria, sítio arqueológico Quadra 090. Foto: Acervo da Zanettini Arqueologia, 2010.



Fotografia de Natália Tonda. São Paulo, 2025.

HERANÇAS DO PASSADO NO PRESENTE DA CIDADE

A arqueologia tem o poder de revelar aspectos do passado que, muitas vezes, passam despercebidos, mas que impactam diretamente o nosso cotidiano.

Na Quadra 090, na região da Luz, as escavações revelaram a presença de pisos que alternavam entre asfalto e concreto, o que nos faz pensar sobre as escolhas urbanísticas ao longo do tempo, uma vez que essa variação causa impermeabilização do solo, propiciando a ocorrência de alagamentos.

Outro exemplo é a Igreja Nossa Senhora dos Remédios, um importante sítio arqueológico da região da Sé, que foi demolida para dar lugar a vias de acesso para veículos, comprometendo um local de memória em nome de um modelo de mobilidade urbana.

Em ambos os casos, as ações refletiram as necessidades do momento, mas também trouxeram desafios futuros, pois as decisões de hoje afetam substancialmente o amanhã.

Além disso, preservar o patrimônio cultural é fundamental, pois ele é parte da nossa identidade e história, e suas perdas marcam o legado que deixamos. Assim, ao tomar decisões urbanísticas, é essencial equilibrar as necessidades do presente com a responsabilidade de proteger a memória coletiva e os bens culturais, garantindo que as futuras gerações possam compreender o passado e como chegamos até aqui.

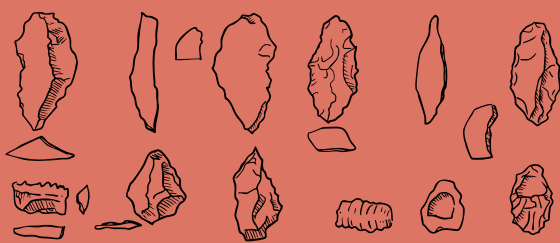
MÓDULO CIDADE-SÍTIO

A urbanização molda as cidades, transforma paisagens, altera dinâmicas sociais e, ao mesmo tempo em que projeta o futuro, também revela o passado. Para a arqueologia urbana, cada intervenção na cidade — seja na construção de um prédio, na implantação do metrô ou na requalificação de calçadas — pode trazer à tona vestígios de outras épocas, oferecendo novas camadas de compreensão sobre sua história.

Em São Paulo, esse diálogo tem-se intensificado. A cidade já soma mais de 100 sítios arqueológicos e diversas ocorrências que contam histórias plurais sobre sua ocupação. Cada fragmento encontrado ajuda a reconstituir as narrativas urbanas, revelando não só o que foi construído, mas também o que foi esquecido ao longo do tempo.

OUTROS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS RELEVANTES

O sítio arqueológico Morumbi foi descoberto na década de 1960, durante o loteamento do bairro Jardim Panorama. Nesse local foram identificados vestígios de uma oficina lítica — um espaço em que pedras eram lascadas e transformadas em ferramentas. Mais de 500 mil peças foram coletadas ao longo de campanhas de escavação, sendo que a última, em 2022, revelou ocupações humanas com até 3.500 anos de história.



Representação gráfica de materiais líticos encontrados no sítio arqueológico Morumbi.



Representação gráfica de pontas de projétil encontradas no sítio arqueológico Morumbi.

O sítio arqueológico Pinheiros II foi encontrado em 2010, em meio à preparação para a construção de um prédio no bairro de Pinheiros. No local foram identificados antigos fornos de produção cerâmica, alguns com peças em seu interior. Os fragmentos revelaram uma fusão entre técnicas indígenas e europeias, apontando para um sistema produtivo híbrido.



Peças encontradas no sítio arqueológico Pinheiros II. Foto: Marcos Issa. Acervo da Zanettini Arqueologia.

O sítio arqueológico Cemitério dos Aflitos, localizado no bairro da Liberdade, guarda a memória de um dos espaços mais silenciados da cidade. Cadastrado em 2018, revelou os restos mortais de nove pessoas sepultadas entre 1775 e 1858, além de objetos pessoais, como contas de vidro azul, associadas a práticas religiosas de matriz africana. Foi o primeiro cemitério público de São Paulo, destinado à população afrodiáspórica, aos pobres e aos condenados à morte — um espaço que, mais do que vestígios, carrega histórias de resistência e espiritualidade.



Detalhe da fachada da Capela dos Aflitos em abril de 2024. Foto: Acervo da Amusa – Associação Museu dos Aflitos.



Homenagem à professora Margarida Davina Andreatta. Foto: Helio Nobre, 2011. Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

VOCÊ SABIA?

A primeira notificação sobre a existência do Cemitério dos Aflitos foi feita pela professora Margarida Davina Andreatta, graduada em Geografia e História pela PUC-Paraná e doutora em Ciências Sociais pela USP. Ela se tornou referência em arqueologia urbana e formou diversas gerações de arqueólogos.

O sítio arqueológico Saracura Vai-Vai foi descoberto recentemente, durante as obras do metrô na região do Bixiga. Ali, onde o Córrego Saracura corre por baixo da terra, foram encontrados vestígios de uma ocupação afrodiaspórica do século XIX, reconhecida como um quilombo urbano. Desde janeiro de 2022, vários artefatos que evidenciam a presença histórica da população negra na região têm sido encontrados, incluindo a possível estrutura de um terreiro. O local também foi um dos berços paulistanos das rodas de samba e dos cordões carnavalescos, como o Vae-Vae, que deu origem à escola de samba Vai-Vai, nos anos 1930.



Vale do Saracura no início do século XX. Foto: Acervo do Museu da Cidade de São Paulo.

O FAZER DO ARQUEÓLOGO

O arqueólogo é um profissional que atua na identificação, registro e interpretação de vestígios materiais deixados por sociedades do passado. Em áreas urbanas, esse trabalho é frequentemente realizado por meio da arqueologia preventiva, associada a obras de infraestrutura que passam por licenciamento ambiental. Nessas situações, o objetivo principal é garantir que possíveis evidências arqueológicas sejam documentadas antes que desapareçam com a transformação do território.

O trabalho arqueológico segue métodos científicos rigorosos, com etapas que envolvem pesquisa prévia, escavação, catalogação, análise dos materiais e produção de relatórios técnicos. Esses registros geram dados importantes sobre a ocupação e o uso do espaço ao longo do tempo, contribuindo para o conhecimento histórico e a preservação do patrimônio cultural.

TECNOLOGIA A SERVIÇO DO PASSADO

Atualmente, a arqueologia combina escavação com inovação. Equipamentos como drones, scanners a laser e georradars permitem mapear áreas inteiras, sem a necessidade de se mexer no solo. Esses recursos ajudam a identificar estruturas soterradas, antigos caminhos e construções, otimizando o tempo de campo e reduzindo o risco de perda de informações importantes.

O uso de softwares de modelagem 3D também tem transformado a forma de registrar e estudar os achados, permitindo que objetos frágeis sejam analisados em detalhes sem que saiam do laboratório, ou até mesmo que estejam assim acessíveis a pesquisadores em outras partes do mundo. No campo da datação, o principal recurso hoje disponível é o carbono-14 (C-14), utilizado pela arqueologia para datar materiais orgânicos, como madeira, ossos e tecidos com até 50 mil anos.

A introdução de recursos tecnológicos no fazer do arqueólogo permite análises mais precisas e aprofundadas para a compreensão do passado.



Escaneamento 3D do forno do sítio arqueológico Pinheiros II. Foto: Acervo da Zanettini Arqueologia.



Escaneamento 3D do forno do sítio arqueológico Pinheiros II. Foto: Acervo da Zanettini Arqueologia.



Lixeiras construídas em alvenaria, sítio arqueológico Quadra 090. Foto: Acervo da Zanettini Arqueologia, 2010.



Lixeiras construídas em alvenaria, sítio arqueológico Quadra 090. Foto: Acervo da Zanettini Arqueologia, 2010.

COMO FUNCIONA A DATAÇÃO POR C-14?

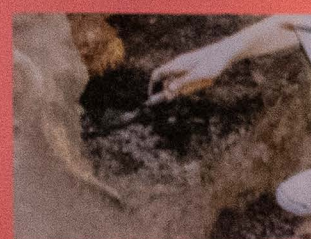
Imagine que todo ser vivo – plantas, animais ou pessoas – funciona como uma pilha: enquanto está vivo, ele absorve carbono-14 do ambiente. Quando morre, essa “pilha” para de ser recarregada e o C-14 começa a se decompor lentamente. Como o C-14 decai a uma taxa constante, os cientistas podem estimar há quanto tempo o organismo morreu, medindo quanto C-14 ainda resta. Quanto menor a quantidade de C-14, mais antiga é a amostra.

O QUE FOMOS? O QUE SOMOS? O QUE SEREMOS?

São Paulo, que nasceu como Vila de Piratininga e se expandiu além dos rios Anhangabaú e Tamanduateí, é hoje uma metrópole de múltiplas camadas históricas, econômicas e culturais. Agora, o nosso desafio é imaginar o futuro coletivamente. Que São Paulo queremos construir? conhecimento histórico e a preservação do patrimônio cultural.



Fotografia de Ana Rovati.
São Paulo, 2025.



TECNOLOGIA A SERVIÇO DO PASSADO

Atualmente, a arqueologia combina escavação com inovação. Equipamentos como drones, scanners a laser e georradars permitem mapear áreas inteiras, sem a necessidade de se mexer no solo. Esses recursos ajudam a identificar estruturas soterradas, antigos caminhos e construções, otimizando o tempo de campo e reduzindo o risco de perda de informações importantes.

O uso de softwares de modelagem 3D também tem transformado a forma de registrar e estudar os achados, permitindo que objetos frágeis sejam analisados em detalhes, sem que saiam do laboratório, ou até mesmo que estejam assim acessíveis a pesquisadores em outras partes do mundo. No campo da datação, o principal recurso hoje disponível é o carbono-14 (C-14), utilizado pela arqueologia para datar materiais orgânicos, como madeira, ossos e tecidos com até 50 mil anos.

A introdução de recursos tecnológicos no fazer do arqueólogo permite análises mais precisas e aprofundadas para a compreensão do passado.



COMO FUNCIONA A DATAÇÃO POR C-14?

Imagine que todo ser vivo tem uma "bateria" – funciona como uma bateria. Enquanto vivo, ele absorve carbono. Quando morre, essa "bateria" começa a descarregar e o C-14 diminui. Como saber o tempo que passou? Os cientistas medem o tempo que o C-14 demora para diminuir. Assim, eles sabem a idade de um objeto.

O QUE FOMOS O QUE SOMOS O QUE SEREMOS

São Paulo, que nasceu como Vila de Piratininga e se expandiu além dos rios Anhangabaú e Tamandará, é uma metrópole de múltiplas camadas históricas, econômicas e culturais. Agora, o nosso desafio é construir o futuro coletivamente. Que São Paulo queira ser o futuro.

Fotografia de Ana Rovati.
São Paulo, 2025.

QUAIS VESTÍGIOS A
NOSSA SOCIEDADE
ESTÁ DEIXANDO
PARA OS
ARQUEÓLOGOS DO
FUTURO?



ACESSIBILIDADE

A exposição contou com audiodescrições que ampliaram as possibilidades de acesso e compreensão dos conteúdos apresentados. Os materiais descreveram os núcleos expositivos, documentos, imagens, objetos e demais elementos visuais da mostra, oferecendo informações complementares que favoreceram uma experiência mais acessível e autônoma para pessoas com deficiência.

Produzidas especialmente para a exposição Sob os pés da cidade, as audiodescrições integradas ao percurso expositivo permaneceram disponíveis em ambiente digital após o encerramento da mostra, contribuindo para a preservação e a difusão de seus conteúdos.



Audiodescrição
Aponte a câmera para o QR Code

Fotografia de Natália Tonda.
São Paulo, 2025.



Fotografia de Natália Tonda.
São Paulo, 2025.

43
Visitas
mediadas

237 mil
pessoas alcançadas
digitalmente

AVALIAÇÃO E RESULTADOS

A exposição Sob os pés da cidade contou com ampla difusão na imprensa ao longo de toda a sua trajetória, desde a abertura no MUB3 até sua itinerância no Solar da Marquesa de Santos, Museu da Cidade de São Paulo.

A mostra foi destaque em veículos de grande alcance, como o portal Veja São Paulo, além de receber divulgação em importantes canais de comunicação, como a Rádio Cultura FM e AM, contribuindo para ampliar o alcance da exposição e aproximar diferentes públicos de seus conteúdos e reflexões sobre a história e a arqueologia da cidade.

3.461
Total de visitantes



IDENTIDADE VISUAL

A identidade visual da exposição buscou trazer para a linguagem gráfica a ideia de camadas, muito presente na arqueologia. Isso apareceu principalmente na sobreposição dos elementos e na forma como alguns deles se destacaram, criando a sensação de que algo estava sendo encontrado ou revelado. A escolha dos diferentes tons de marrom remeteu ao solo e às suas diferentes camadas. O verde e o vermelho entraram como cores de contraste, destacando alguns elementos em meio à base marrom e reforçando a ideia de algo encontrado durante uma escavação.

As ilustrações em linha também ajudaram a construir essa relação com a arqueologia. Elas trouxeram uma referência ao desenho técnico e funcionaram como uma outra forma de representar os objetos e artefatos encontrados, sem depender apenas de imagens ou fotografias. No conjunto, a identidade visual trouxe a ideia de olhar para o que estava embaixo da cidade e entender as diferentes camadas que fizeram parte da sua história.



LOGO

**SOB
OS
PÉS
DA
CIDADE**

TIPOGRAFIA

Titillium Web

por Julieta Ulanovsky

Aa Aa Aa **Aa Aa**



CIDADE

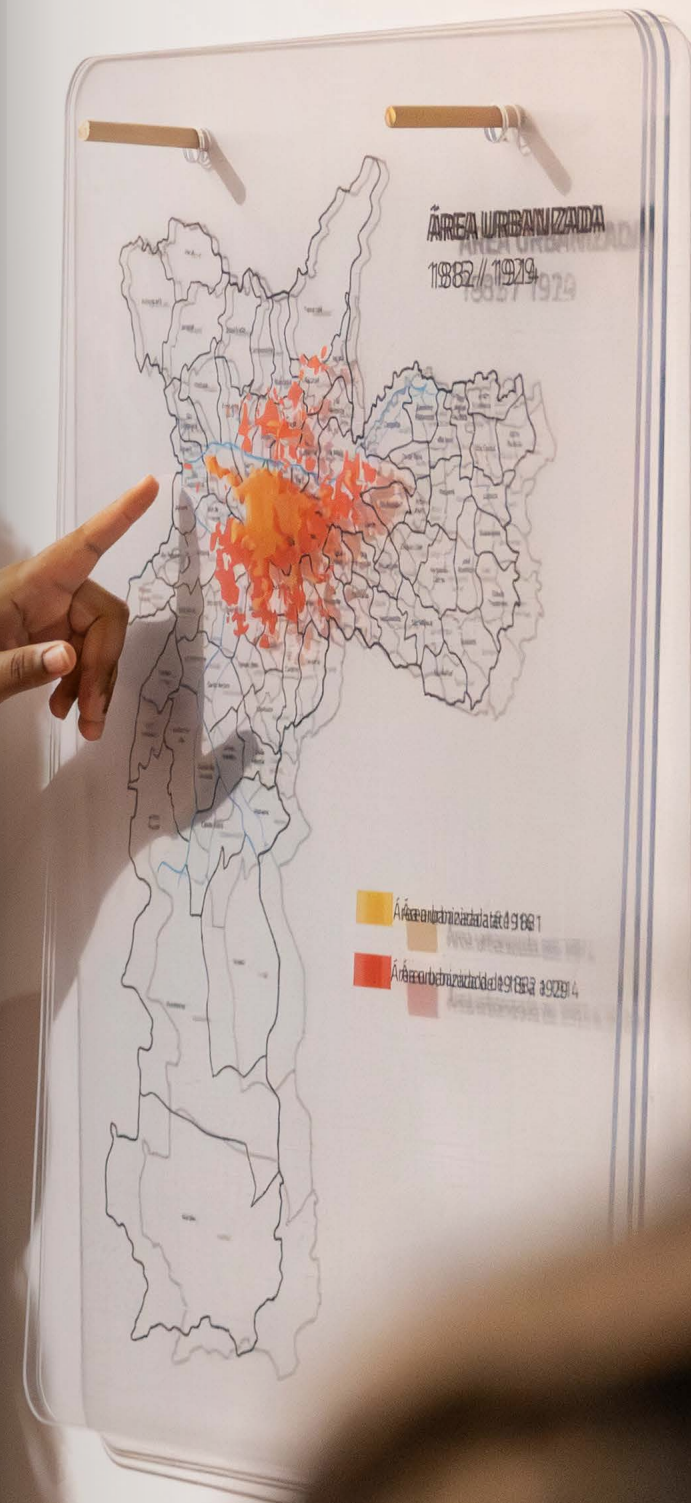
Até meados do século XIX, São Paulo ainda era uma pequena vila colonial, limitada entre os rios Anhangabaú e Tamanduateí. Com cerca de 4.200 casas, a cidade era marcada por construções de taipa, algumas igrejas e prédios

Sua economia girava em torno do comércio, especialmente nas ruas das Casas das Escrivãs (atual Rua do Tesouro).

A cidade era voltada para o consumo interno, com oficinas e carpintaria, olarias e sapatarias. Em 1828, porém, a abertura do Mercado de São Francisco mudou esse cenário.

A chegada de estudantes de diferentes regiões do país impulsionou o surgimento de uma nova elite intelectual e cultural, criando um ambiente

mais dinâmico



FICHA TÉCNICA

B3 EDUCAÇÃO E CULTURA

Diretoria Técnica e de Contabilidade

André Veiga Milanez

Diretoria Financeira

Tatiana Coimbra Castello Branco

MUB3 – MUSEU DA BOLSA DO BRASIL

Coordenação Geral

Lourdes Silva

Administrativo

Ariany Labella Pardini

Karina Custodio S. Oliveira

Maryane Silva de Oliveira

Produção Executiva

Pollyana Marin

Supervisão Técnica

Juliana Pons

Centro de Referência

Gabriel Barros

Lídia Ananda Camargo

Comunicação

Anna Carolina de Oliveira

Jaqueline Caires Lima

Programa Educativo

Supervisão Educativa

Prisca Menegasso

Educação

Aguinaldo Ferreira Dias

Clara Ellis Bianchini

Daniel Castro

Gabriela Puschiavo

Pedro Gabriel Neves de Aquino

Taina Borges Silva

Orientação de Público

Caju Soares de Andrade

Bruna Caldas Ribeiro

Leandra Florentino

Pesquisa

Juliana Carminhola

Piero Tessaro

Comunicação Visual e Expografia

BUMMUB

Cenografia

Metro Cenografia

Impressão Gráfica

Indústria Visual

Revisão de Textos

Lia Ana Trzmielina

Agradecimentos

Associação Museu dos Aflitos (Amusa)

Museu da Cidade de São Paulo

Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE-USP)

Museu dos Aflitos (Musa)

União dos Amigos da Capela dos Aflitos (UNAMCA)

Museu Paulista da Universidade de São Paulo

Zanettini Arqueologia

Este material foi concebido e produzido pelo
Centro de Referência do MUB3 - Museu da bolsa do Brasil.

MUB3

Rua XV de Novembro, 275

Centro Histórico de São Paulo

Próximo à estação São Bento (290 m).

Mais informações

Site: mub3.org.br

Telefone.: +55 (11) 2565-7644

E-mail: visite@mub3.org.br



Entrada gratuita

Retire seu ingresso on-line (QRCode)

A exposição do MUB3 conta com recursos acessíveis para pessoas com deficiência

MUB3 É UMA REALIZAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO B3 EDUCAÇÃO E CULTURA, SENDO VIABILIZADA COM RECURSOS OBTIDOS POR INTERMÉDIO DA LEI FEDERAL DE INCENTIVO À CULTURA.



PATROCÍNIO



GESTÃO

**ASSOCIAÇÃO B3
EDUCAÇÃO E CULTURA**

REALIZAÇÃO

